

EXCERTOS DA HISTÓRIA DE UM BATALHÃO DE INFANTARIA, SUSTENTÁCULO DA REPÚBLICA

Gen Bda
EPAMINONDAS FERRAZ DA CUNHA

(Conclusão do número anterior)

30. O 7.º BI teria participado dos fuzilamentos de Destêrro?

Não temos uma resposta segura para tal indagação. O que podemos admitir é que Moreira César, não querendo traumatizar o "seu" Batalhão com tais cenas, pode ter deixado este encargo para outra tropa da guarnição. Afinal, esse Batalhão deverá voltar, um dia, para a sua "parada", o Rio de Janeiro — centro nervoso do país — e não será interessante que, então, oficiais e praças digam a parentes e amigos, da dramaticidade dessas execuções.

Não faltam elementos locais, embora não necessariamente naturais do Estado, para cumprir tais missões.

Quando Lucas Boiteux descreve os fuzilamentos do Barão de Batovi e de um filho deste, dá a uma escolta de "patriotas" a autoria dessas mortes na Fortaleza de Santa Cruz de Anhatomirim, onde, conforme afirma Moreira César, se encontram antigos soldados da guarnição local comandados por um oficial honorário. Serão homens do Batalhão patriótico "Frei Caneca"?

Com tão frágil prova como afirmarmos que os homens do 7.º BI não tomaram parte nos torvos atos de justiça do Governo?

31. Torvos atos de justiça de Moreira César...

Seria, acaso, menos torva a justiça do "Comitê" da Salvação Pública que exterminou, aos magotes, os inimigos da República instaurada na França?

Relendo o pouco que se escreveu sobre a personalidade de Moreira César, sentimos que as suas atitudes têm semelhança — em certos aspectos — com as de Robespierre, o convencional por Arras.

É certo que a revolução que derrubou um Império conduzido por um Imperador justo e manso, não tem paralelo com a rebeldia dos franceses. A nossa mudança de regime foi um ato político sem pretensões a operar modificações radicais no "statu quo" social. Não havia restrições à liberdade como aquelas que oprimiam o povo fran-

cês; e os desníveis entre as classes resultavam — como ainda hoje — mais de razões de ordem econômica, do que das raízes — nobre ou plebéia — de seus componentes.

De qualquer forma, ambas as revoluções tiveram um instante decisivo, um divisor separando, drasticamente, os destinos das correntes contrárias.

Em 1793 — a 16 de janeiro — cada convencional é obrigado a votar, ostensivamente, pela vida ou pela morte de Luís XVI, embora ele já não seja rei, e sim, Luís Capeto.

Para consolidar a República, a Assembléia não trepida, embora contra os votos corajosos de muitos girondinos, em levar a cabeça do rei ao cêsto. E para que essa consolidação seja completa, Robespierre cuida para que tal cêsto nunca fique vazio.

Exatamente cem anos depois, no Brasil, quando a República, proclamada sem sangue, balanceia, sacudida por homens que não a querem, e por outros que a desejam para o seu uso —, cabe a Floriano consolidá-la, combatendo sem tréguas os inimigos do regime. E o momento decisivo é aquêle em que aceita o repto de Custódio José de Melo e dos chefes federalistas. E é aí que surge esta figura contraditória que é Moreira César, o qual também cuida para que não sobrem vivos aquêles que — no seu entender ou de Floriano? — possam voltar-se contra a deusa amada — a República.

Além dêste desvelado amor à mulher de barrete estranho, tanto Robespierre quanto Moreira César têm como traços comuns de seus caracteres, a incorruptibilidade e o desprezo pelas futilidades. E são, ambos, duros e frios.

Será aplicável, pois, a Moreira César o que diz Stefan Zweig sôbre Robespierre?

“Inebriado pela sua própria incorruptibilidade, hipnotizado pela sua inflexibilidade dogmática, julga que tôda a opinião contrária à sua é, não sômente de qualidade inferior, mas ainda uma traição e, eis por que com o gesto glacial de um inquisidor, êle empurra, como heréticos, todos aquêles que não pensam como êle, para essa fogueira de um nôvo gênero, que é a guilhotina.”

E Floriano? Aprova os atos praticados pelo seu preposto em Santa Catarina?

Diz Joaquim Nabuco:

“A Capital de Santa Catarina é hoje, em linguagem popular, uma cidade mal assombrada, e se a responsabilidade do morticínio que a ensangüenta não foi imputada pelo Marechal Floriano ao seu lugar-tenente, também não foi nunca reclamada por êle.”

Se Floriano não deseja uma repressão violenta, também não é do seu feitio dar muito ensejo aos inimigos da República. Que o diga o sargento Silvino.

Segundo o historiador Pedro Calmon, o Senador Barão de Ladário leu da tribuna do Senado um telegrama que talvez explicasse a frenética solidariedade de Moreira César a Floriano. Eis o seu texto: "Marechal Floriano Peixoto — Rio — Romualdo, Caldeira, Freitas e outros fuzilados segundo vossas ordens. Antônio Moreira César."

Tivemos a oportunidade de ler, nos originais, vários telegramas recebidos na "estação" do Itamarati, então palácio presidencial e oriundos do palácio do Governador de Santa Catarina, naquele dramático período.

Creemos poder afirmar que os despachos eram invariavelmente assinados pelo "Coronel César". Estranhamos, pois, esse "Antônio Moreira César", em telegrama, sem o posto e com o prenome por extenso, o que somente vimos em officios por êle assinados.

Mesmo que este telegrama tenha sido passado em código, ainda nos custa crer que seu signatário, de temperamento desconfiado, tanto quanto o destinatário, expusesse tão grave notícia à curiosidade dos assessôres do Marechal. Afinal, podia haver entre ambos, para as comunicações dessa natureza, uma forma mais eufêmica, como aquela aludida por Lucas Boiteux, endereçada ao Comandante de Anhatomirim: "Fulano posto em prisão segura."

Moreira César gastou laudas de papel para justificar o paradeiro desconhecido de certos prisioneiros; depois, em outra ocasião, respondeu a altas autoridades interessadas nos fatos, com um lacônico — não!

Por isso, em que pese o nosso maior respeito pelo corajoso Barão de Ladário, fica-nos uma dúvida no espirito: não terá o Barão, de boa fé, dado crédito a um documento apócrifo? Não cremos que Moreira César abrisse a guarda com uma mensagem tão crua.

Em sua obra "Floriano", Silvio Peixoto contesta aquêles que imputam ao Consolidador a responsabilidade pelos crimes do "Km 65" e diz que Floriano não aprovara atrocidades praticadas no debelar revoltas:

"A prova está em a não promoção de Moreira César, oficial que, com extraordinária bravura e competência técnica, se bateu pela legalidade, mas que, também, sempre aliou à sua ação militar, um frisado sentimento de maldade. Morreu sem a promoção a General, o Coronel Moreira César..."

Sobre essa possível promoção, cumpre ficar esclarecido que Moreira César tem à sua frente coronéis cujos méritos não podem ser

desprezados. E, afinal, se êle fôsse promovido por Floriano (que deixaria o poder a 15 de novembro dêsse ano de 1894), teríamos o Capitão de 1888 General em cinco anos, ou seja, uma carreira meteórica em tempo de paz.

32. O 7.º BI ficará na capital de Santa Catarina até outubro de 1896. Serão, pois, dois anos e meio de permanência fora do Rio.

Em uma cidade de pequeno porte como, então, é Destêrro, onde alguns oficiais estão isentos dos llames da família, manifestam-se — raramente, é certo — casos desagradáveis que enfocam a Unidade ante a opinião pública. Mas a mão pesada de Moreira César aplica as boas regras da disciplina aos recalcitrantes. Para dois Alferes que exageram nas homenagens a Baco em festa pública, a pena é de 30 dias e com sentinela à vista! Um Capitão e um Alferes, por dançarem em um baile público onde existiam praças e mulheres de reputação duvidosa, ficam por 25 dias recolhidos ao estado-maior. Em Tubarão, pelas graves alterações que dá na ordem e tranqüillidade da cidade, é licenciado um Alferes, não antes de ficar prêso por 25 dias. Igual pena outro Alferes vem a merecer quando, turvado pelo álcool, quebra vidraças em Destêrro. Mais um Alferes é recolhido por 30 dias, em face do mau comportamento em casa de uma mulher de moral duvidosa. E quando outro Alferes tenta enlear uma respeitável senhora casada nas telas da sedução, Moreira César aplica-lhe 25 dias de prisão, com sentinela à vista.

33. As punições impostas, envolvendo oficiais e lançadas nas ordens do dia ostensivas com a humilhante "sentinela à vista", dizem bem do rigor com que Moreira César mantém os principios da disciplina e da moral na tropa, a começar pelos oficiais.

Também, devido à sua condição de "interventor", sob o titulo de Governador (além de Comandante do Distrito Militar, independente do 5º Distrito Militar de Curitiba, conforme portaria de 19 de junho de 1894), Moreira César quer dispor de tôdas as forças possíveis, existentes em Santa Catarina. Dai determinar aos militares do Exército que mantenham boas relações com o pessoal do Corpo de Segurança, punindo as praças que não prestam continência aos oficiais do dito Corpo.

34. Até a posse do Governador eleito, as atividades de Moreira César e do 7º BI devem ter sido intensas; e o Batalhão terá sido largamente empregado por constituir uma tropa de confiança, pois as demais que all já se achavam antes da chegada de Moreira César tinham sofrido o "contágio" dos revoltosos.

O 7.º é empregado na Defesa do território do Estado e em operações militares destinadas — informa Moreira César:

"... não só a libertar as localidades que ainda se achavam em poder dos revoltosos, ou por êle ameaçadas, como a cor-

tar a retirada dos revoltosos que ocupavam, então, o vizinho Estado do Paraná e pretendiam fugir através d'êste para o Rio Grande do Sul.

De fato, após a minha chegada, tive notícias que Aparicio Saraiva, irmão de Gumerindo, vinha com cêrca de 1.200 homens em marchas forçadas para a vila do Rio Negro, da qual, pela excelente estrada de rodagem "D. Francisca" poderiam cair as cidades próximas de Joinville e São Francisco, ganhando em seguida Itajai e Blumenau a fim de reunir-se em Curitiba a Gumerindo tendo percorrido, assim, o mesmo caminho por onde viera quando invadiu êste Estado.

Ao mesmo tempo que isso se dava, verificava eu pelos autógrafos de telegramas dos chefes revoltosos expedidos nos últimos tempos que aqui estiveram, que o sul do Estado se achava ameaçado pelo pretense Coronel Batista, que com cêrca de 1.500 homens, segundo asseveraram, descia da serra sôbre as cidades de Tubarão e Laguna.

Dispondo apenas de cêrca de quinhentos, vi-me na necessidade de aproveitar todos os recursos de força que pude aqui apurar, a fim de poder acudir aos vários pontos ameaçados e as localidades em que se mantinham ainda bandos revolucionários em armas, fazendo depredações e violências verdadeiramente bárbaras."

Ai está, mais um depoimento de Moreira César, colhido de documentos originaes. Pelas suas palavras toma-se conhecimento da débil força que conta, face aos efetivos dos adversários; e, certamente, o 7º é o mais numeroso e adestrado componente d'êsse ralo efetivo.

O afã com que diariamente Moreira César ocupa o seu tempo no cumprimento da missão recebida, ou seja, "a fim de tratar da reorganização do Estado" —, deve ter sido assombroso e próprio de um homem de seu temperamento.

Não sômente se preocupa com a defesa do interior do Estado, mas também dedica seu tempo e cuidados, à defesa das barras de acesso a Destêrro:

"Acontece que, por motivos que devem estar no vosso conhecimento, tem o governo d'êste Estado justas razões para estar prevenido contra a espionagem militar, principalmente agora que se está trabalhando ativamente na fortificação das barras sul e norte desta capital, cujo plano de defesa é natural que queiram conhecer..."

Por causa dessas inspeções às obras e às guarnições dos fortes, êle está, numa fra manhã de junho, impaciente, à beira do cal.

Não é para menos! Na véspera, o Alferes Comandante do rebocador "Audaz" fôra avisado de que êle iria nesse barco visitar as fortalezas das barras.

O "Audaz" deveria ter voltado para o Rio com a esquadra, mas Moreira César insistira junto a Floriano, para que o navio ficasse em Destêrro. Telegrafara-lhe, dizendo que o "Audaz" era necessário para serviços importantes e indispensáveis.

Agora, nem sinal do Alferes e nem mesmo do escaler que deve levar as autoridades para bordo do rebocador.

A consequência é a exoneração do Alferes do comando da embarcação, com um forçado "descanso" de 4 dias no estado-maior do Batalhão.

É nomeado para o comando do "Audaz" um muito ativo Alferes, que fica atento ao serviço, tanto mais que bem conhece o Comandante que tem. Este, bem depressa, aprecia a correta atuação do subordinado: nem doze dias são passados, e o nôvo Comandante do rebocador recebe, prazeroso, um elogio do Comandante da Brigada, "por se esforçar no cumprimento dos seus deveres, concorrendo para que o serviço público seja feito inteligentemente e de modo a agradar a todos." Esse Alferes, sem o saber, já emprega a técnica das "relações públicas..."

Quando o Alferes deixa o comando do "Audaz", Moreira César, na qualidade de Comandante do Distrito Militar, o elogia "pelo lindo comando que fêz como Comandante do "Audaz", tornando essa embarcação uma regular arma de guerra, sendo auxiliar eficaz do Governador de Santa Catarina, durante os cinco meses de reorganização do Estado".

Esse eficiente Alferes continuará no Batalhão até o término da campanha de Canudos; e sômente uns quatro dias depois do fim da luta, com a destruição do povoado dos jagunços, é que dá parte de doente. Pelo diagnóstico e prazo de tratamento, verificar-se-á que êle já devia estar doente na fase mais dura daquela campanha. Além de eficiente, êsse Alferes deve ter sido um valente militar do 7.º BI.

Os exemplos acima enunciados — da punição pelo desleixo e do reconhecimento do mérito — não são bastantes para edificar o comportamento de um outro oficial.

O imprudente é o Comandante do navio "Itapemirim", o qual, como não pode deixar de ser, é um outro Alferes.

De nôvo repete-se a cena: a mesma autoridade, Moreira César no comando do Distrito, na mesma beira de cais, em uma gélida madrugada semelhante, espera o mesmo escaler, que também não vem! E não é tudo! Marcado o embarque para as 4 horas, tem-se noticia,

já às 5, de que o Alferes, tranqüillo, dorme o sono da inocência; e o 2.º cadete, seu auxiliar imediato, nada faz para impedir tamanho desacêrto.

Moreira César tira-lhe o comando do navio e, "por tanta falta e irregularidade", prende-o por 15, e ao cadete, por 5 dias.

35. Mas as atividades de Moreira César não se circunscrevem à área militar; preocupa-o, também, reorganizar as atividades da administração civil. De sua intensa labuta nesse terreno e no campo político, colhemos proveitosas informações nas latas dos arquivos, onde jazem os maços de telegramas por êle enviados a Floriano.

As demissões maciças ocorridas nos quadros do funcionalismo federal, estadual e municipal, haviam aberto vastos claros no corpo administrativo, repercutindo negativamente na eficiência dos serviços públicos.

Se é verdade que os efetivos em funcionários nas repartições estaduais e municipais podem ser recompletados pelo Governador e pelos Prefeitos, o mesmo não acontece com a Alfândega, os Correios, os Telégrafos, a Caixa Econômica e outras organizações federais.

Quando se diz que Moreira César tem poderes absolutos... isso é relativo! A prova disto está na mensagem que êle envia a Floriano, mensagem que podemos classificar de algo tímida, para um homem que é acusado de determinar fuzilamentos ao seu alvedrio:

"N.º 175 — 18 de junho de 1894 — Do Palácio do Destêrro — Marechal Floriano Peixoto — Presidente da República — Alfândega tem poucos empregados em vista demissões. Devo apresentar propostas? Coronel César."

Floriano, cofiando os bigodes de guias abaixadas, deve ter esboçado um discreto sorriso. Sua resposta é afirmativa, pois logo no dia seguinte sai de Destêrro esta mensagem:

"N.º 181 — 19 de junho — Para preencher vagas Alfândega: para primeiro escriturário etc... Peço demissão a bem serviço do tesoureiro... e escriturário... e depois mandarei indicação substitutos. Proposta mandarei ao Coronel Aguiar e Correios ao Coronel Costallat. Coronel César".

Nesse telegrama há um despacho feito a lápis azul — que admitimos seja de Floriano — nos seguintes termos: "Ao Sr. Ministro para atender com urgência. Em 20-6-894." O Vice-Presidente, em exercício na Presidência da República, atende ao seu auxiliar de confiança e exige presteza nesse atendimento.

Enquanto os cargos são de nível médio ou inferior, as solicitações são logo atendidas. Mas, quando se trata de preencher cargos de

maiores responsabilidades (e, em consequência, de melhores remunerações ou possibilidades de prestígio político), o governo central auscultá aquêle que virá a ser o candidato vitorioso no próximo pleito, a realizar-se em Santa Catarina. Embora estejamos ainda em junho, e as eleições não tenham sido marcadas, êsse candidato, cuja vitória se deve estar delinheando como certa, merece tôda a atenção do Governo de Floriano.

Ê éle o Dr. Hercílio Pedro da Luz, que se encontra no Rio de Janeiro, enquanto Moreira César arruma a administração do Estado de Santa Catarina.

Diz o Governador de Santa Catarina a Floriano:

"N.º 188 — 20-6-894 — Palácio Destêrro — Marechal Floriano Peixoto — Presidente da República — Ê preciso serem demitidos por traidores República seguintes empregados Caixa Econômica: ... (nomes) ... Proponho para substituirem os nomes acima, conselho fiscal ... (nomes) ... Coronel César."

O lápis azul funciona na parte superior da mensagem, com uma indagação: "Dr. H. Luz o que diz?"

Na parte inferior da mensagem, a tinta, e com outro talhe de letra, uma informação: "Tôdas as indicações são acertadas. Vejo que o Alferes reformado ... cujo nome indiquei para o cargo ..." (a frase não se completa por ter terminado o papel; talvez continuasse em outra fôlha).

Os bons cargos — os seleccionados e desejados — vão surgindo, e Moreira César consulta o chefe e amigo:

N.º 186 — Palácio do Destêrro — 20 de junho de 894 — Marechal Floriano Peixoto — Lugar procurador seccional vago e sendo urgente nomeação proponho o bacharel... Saúdo-vos. Coronel César."

No alto, o lápis azul interroga. "Dr. H. Luz o que diz?" A resposta está ao pé da mensagem: "Não conheço o bacharel indicado. O candidato *combinado* (grifamos) é o bacharel ..., cunhado do ... O Dr. ... tem pedido (ilegível) neste sentido. Rio 22-6-94 — (assinatura que se assemelha a "H. Luz").

36. Não há mãos a medir para que a missão seja corretamente cumprida. Moreira César mantém a segurança do Estado, como Comandante da área; zela pela melhoria da administração civil, como Governador; e, mais como um "interventor", estabelece condições para que as eleições corram com normalidade... "torcando", naturalmente, para que vença o candidato do Governo.

Sentindo que a ação empreendida para reorganizar Santa Catarina já apresenta resultados promissores, mesmo com os incômodos que os rebeldes ainda causam, Moreira César resolve consultar Floriano sobre as eleições que virão permitir o preenchimento dos cargos eletivos de direção estadual e de representação no Congresso Nacional:

"N.º 105. 24 de julho de 1894 — Marechal Floriano Peixoto — Presidente da República — Estado em condições proceder eleições. Peço vossa opinião. Preciso avisar interior grande antecedência. Saúdo-vos. Coronel César."

Floriano deve ter autorizado o Governador de Santa Catarina a fixar a data, pois, dias após, recebe esta mensagem:

"N.º 139 — 30 de julho de 1894. Marechal Floriano — Telegrama retardado. Marquei eleição Governador e Vice-Governador para oito setembro. Senador e Deputados federais, nove mesmo mês. Reputando inconveniente poderei adiar. Saúdo-vos. Coronel César."

Acertados, com Floriano, os ponteiros para as eleições, Moreira César informa ao Marechal:

"N.º 3 — 1.º de agosto de 1894 — Marechal Floriano — Municípios todos enviaram representantes a esta capital elegeram previamente seus candidatos. Recaiu votação: Hercílio Governador; Polidoro Vice-Governador; Richard Senador; Lauro, Tolentino, Paula Ramos e Blum, Deputados. Saúdo-vos. Coronel César."

Os convencionais acertaram em cheio. Confirmam, adiante, os resultados das eleições.

37. Apesar de ter de respeitar determinadas injunções políticas, Moreira César, que pedira a Floriano a "demissão de traidores da República", não se permite calar quando tais injunções ultrapassam do razoável. Verifica-se isto, no caso que apontamos a seguir.

A 18 de setembro de 1894, Moreira César dirige ao secretário do Ministro da Viação, o Major Dr. Pôrto Carreiro, o seguinte telegrama:

"N.º 144 — 18 de setembro de 1894 — Major Dr. Pôrto Carreiro Secretário Ministro Viação. Causou má impressão reintegração Dr. lugar chefe distrito telegráfico. Com este ato será de justiça voltarem todos que saíram do Telégrafo. *A manterem o ato será conveniente que não venha para este estado* (grifamos). Saudações. Coronel César."

O telegrama é incisivo e contém velada ameaça ao demitido. O Major Pôrto Carreiro deve ter mostrado o documento ao Ministro. Ao pé da mensagem há a seguinte nota: "Marechal. Acabo de receber este telegrama. O decreto de nomeação deste funcionário *por quem se empenha o Dr.* (grifamos) foi remetido ontem para o Itamarati. *Resolvereis o que fór melhor* (grifamos) (a) B C".

Pelo final do encaminhamento do telegrama a Floriano, seu signatário lavou, como Poncio Pilatos, as mãos...

Floriano deve ter pedido esclarecimentos a Moreira César, porque o Governador, dias depois, envia-lhe a "ficha" do candidato a chefe do distrito telegráfico:

"N.º 259 — 28 de setembro de 94 — Marechal Floriano — Presidente da República — Dr. gozou passagens bordo esquadra revolucionária indo a Paraná e voltando. Pediu e obteve licença Governo revolucionário, foi promovido a Major, cumprimentou Governo provisório sua instalação, pediu dispensa Major dizendo desejar servir como simples cidadão, felicitou por telegrama ministro Governo revolucionário. *Em melhores condições que ele estão todos empregados telégrafos que foram demitidos visto que imitaram-no como chefe e talvez com menos entusiasmo* (grifamos) Fui seu companheiro Escola Militar mas não se queixou (?) a pedir-me documento sua justificação. Saudações. Coronel César."

A "ficha" do rebelde está, assim, apresentada a Floriano. De nôvo este Coronel dirige-se ao Marechal de Ferro sem circunlóquios: diz-lhe a verdade e dá-lhe a sua opinião. Afinal, não tem nenhuma graça que ele — há seis meses vem sendo acoimado de executor impiedoso — tenha de dar posse em pingue cargo a um rebelde que devia estar pôsto de joelhos, dando graças a Deus de não ter ido para a fortaleza de Anhatomirim, "pôsto em prisão segura".

Não sabemos a quem Floriano atendeu — se a Moreira César, se ao Dr., padrinho do "cristão nôvo".

38. Como teriam transcorrido as eleições?

A 11 de setembro, Moreira César comunica a Floriano que a eleição havia transcorrido em ordem e fôra concorrida. Apresenta ao Vice-Presidente os resultados parciais, e em mensagem de 12, dá os resultados finais:

"Brilhante votação Estado. Para Governador Dr. Hercilio Luz 7334; Vice-Governador Dr. Polidoro 7311; Senador Coronel Richard 5521; Deputados Dr. Lauro Sodré 7040; Paula Ramos 4957; Tolentino 4459; Emílio Blum 4225. Faltam seções e mu-

nicipios serra. Em Campos Novos talvez não haja eleição, em vista grupos deixados fôrças Gumercindo tocados do Rio Grande que ali apareceram alarmando população. Saudações. Coronel César."

Face ao resultado, cabe a Moreira César entregar o Poder Executivo do Estado ao Governador eleito. É o que ele faz a 27 de setembro de 1894, dando, do fato, ciência a Floriano:

"N.º 259 — 27 de setembro de 1894 — Palácio do Destêrro — Marechal Floriano — Presidente da República — Cumprime comunicar-vos que se acha reorganizado êste Estado e tendo sido eleito seu Governador o Dr. Hercílio Luz entreguelhe hoje o govêrno. Viva a República. Coronel César."

A Assembléa que se reúne em Destêrro, e denominada de Congresso, na sua sessão de instalação aprova, por unanimidade, a seguinte moção:

"O Congresso representativo, reunido em sessão de instalação, agradece os leais serviços prestados à pátria catarinense após a revolta, pelo Coronel Antônio Moreira César. O Presidente do Congresso — F. Tolentino — Joaquim S. Tiago, 1.º Secretário — Mário Lotero, 2.º dito." (Transcrita no "Diário Oficial" de 29-9-1894.)

Termina, assim, o govêrno de Moreira César, no Estado de Santa Catarina.

Inicia-se uma nova fase na vida e na história daquele Estado, porém, nem Floriano, nem Prudente de Moraes que o sucede a 15 de novembro de 1894, substitui o Comandante do 7.º BI que — pelo seu pôsto e antiguidade — está continuamente no comando da guarnição e, eventualmente, no do Distrito Militar. Esta situação permanecerá até outubro de 1896.

Por quê? O que moverá Prudente de Moraes, que não tem as afinidades de natureza militar nem o sentimento de confiança que ligavam Floriano a Moreira César, a manter êste último em uma comissão militar naquele estado? Um homem que, afinal, é apontado como o autor da morte de tantas pessoas ligadas às famílias daquela área?

Moreira César se terá tornado um "insubstituível"? Ou será que o nôvo Presidente, conhecendo bem as facêtas do caráter daquele homem que se considera soberano em suas atitudes, prefere mantê-lo fora do Rio de Janeiro?

A Indagação é digna de maiores pesquisas, pois Moreira César, não fôsem os insucessos de Canudos, talvez tivesse modificado muitas páginas de nossa História.

No momento, entretanto, êle, como militar, ainda é necessário em Santa Catarina, face à tormenta revolucionária que continua no sul. Gumercindo Saraiva morre no combate de Carovi, a 10 de agôsto dêsse ano, porém Saldanha só é vencido a 24 de junho de 1895, no combate de Campo Osório, onde é morto por um grupo de João Francisco, lanceado por um de seus soldados.

Esvazia-se o movimento revolucionário, mas assim mesmo a luta continua; afinal, a 23 de agôsto, na cidade de Pelotas, dois Generais, representantes do Governo e dos revolucionários, acordam em cessar a luta.

A anistia, manto do esquecimento, é decretada pelo Congresso Nacional, a 21 de outubro de 1895.

39. Embora o ex-governador limite suas ações ao campo militar, decerto é êle, mais do que o poder civil, o sustentáculo da República naquela região, em dias tão difíceis.

Faz-se mister, entretanto, desprover-se daqueles auxiliares mais prestimosos que souberam, com dedicação, cumprir missões que êle julgou necessárias para preservar a sua deusa — a República. Foram homens que, certamente, não discutiram suas ordens, amigos incondicionais.

Um desses homens merece de Moreira César um elogio final que, embora não seja uma girândola de adjetivos enaltecedores, é uma louvação que êle pouco exercita.

Trata-se do Chefe de Polícia ou Prefeito de Polícia de seu Governo, o Tenente Manoel Belerofonte de Lima. Leiam:

“Por passar nesta data a administração do estado ao Snr. Governador eleito, deixará também nesta data o cargo de Prefeito de Polícia em vista de seu pedido, o Tenente do 7.º BI, Manoel Belerofonte de Lima, que muito me auxiliou na reorganização dêste estado durante os cinco meses passados. Já era bem assinalado o patriotismo dêste illustre militar, porém, ainda mais acentuada se tornou a sua atitude digna de imitar-se, *no momento angustioso em que parecia perdida a República* (grifamos). Deixando tudo que lhe era caro no lar, com tôda a abnegação e solicitude procurou os lugares mais perigosos. Salva a República é bem justo lembrar, ainda que em leves traços, os seus serviços durante a revolução. Na nova esquadra, desde a sua organização, junto ao Governo Federal como Ajudante-de-Campo do cidadão Ministro da Guerra e neste estado no cargo que ora deixa, foram salientes e proveitosos os seus esforços. O Tenente Belerofonte ficará pronto a seguir na primeira oportunidade para a Capital Federal a serviço dêste Comando.”

Não lemos, nos registros das ordens do dia do 7.º, nenhum outro elogio dado por Moreira César que tenha semelhança ou equivalência ao dado a Belerofonte.

Houve, evidentemente, uma sólida amizade entre ambos, despontada, talvez, de uma afinidade de temperamento ou, possivelmente, de um parentesco.

40. Pela sua presença durante tanto tempo no comando interino do Batalhão, o Capitão Caldwell deve, também, ter sido um homem da confiança de Moreira César. Não há dúvida de que este o aprecia; elogia-o pela agradável impressão que lhe causa durante uma inspeção, o aquartelamento do 7.º, a boa ordem e o asseio reinantes, as obras realizadas e a presteza e a correção com que as praças atendem ao alarme.

Afinal, apresenta-se ao Batalhão um Major — Pedro de Alcântara Fonseca, que assume o comando interino da Unidade.

A rotina não muda porque o 7.º está “em forma”, moldado à vontade do Comandante efetivo. A novidade é que as ordens do dia citam, no título, o novo nome da cidade: Florianópolis.

De passagem por Santa Catarina soubemos — por tradição oral que, na época, ao serem consultadas as autoridades dos municípios sobre a nova denominação da capital, determinada câmara ou prefeito, não recordamos, dissera que o topônimo “Florianópolis”, além de patriótico era eufônico.

O fato é comunicado à tropa pelo Comandante do Distrito — o titular do 7.º, em 2 de outubro de 1894:

“Faço público que o cidadão doutor Hercílio Pedro da Luz, Governador do Estado, comunicou-me ontem haver sancionado o decreto do Congresso que muda a denominação desta capital para Florianópolis. Ao registrar esta justa homenagem ao cidadão que tão tenazmente lutou pela vitória da Pátria e da República, sinto justo orgulho...”

Quanto à mudança do topônimo da capital de Santa Catarina, assim escreve Joaquim Nabuco, em 1896:

“É sempre uma homenagem mal-entendida mudar o nome de uma cidade. Essa mudança, além do mais, causa imensa confusão nos correios do mundo inteiro; obriga a alterar tôdas as gulas postais e exige também a correção de geografias, mapas, cartas marítimas etc. e se hoje é o nome de uma cidade, amanhã, sob autoridades ainda mais entusiastas, pode ser o do País. Não havia, porém, razão especial para dar-se o nome do Marechal Floriano à cidade do Destêrro. Destêrro foi a principal causa do desastre da Revolta,

mas é uma homenagem duvidosa glorificar o vencedor pelo erro fatal do vencido: é como se os romanos tivessem dado o nome de Clplão a Cápua. Havia, porém, outra razão para não se dar ao Destêrro o nome de Florianópolis antes que o de Cesaréia, se queriam perpetuar a odiosa lembrança da guerra civil. A capital de Santa Catarina é hoje, em linguagem popular, uma cidade mal-assombrada, e se a responsabilidade do morticínio que a ensangüenta não foi imputada pelo Marechal Floriano ao seu lugar-tenente, também não foi nunca reclamada por êle."

41. No início de novembro, Moreira César deve ter recebido a notícia triste: falecera, no Rio, a 28 de outubro, o seu grande auxiliar, Belerofonte. Uma semana antes havia sido promovido a Capitão, "em atenção aos seus serviços prestados à República na repressão à revolta".

Estava classificado no 2.º BI, mas continuava adido ao 7.º. Não viveu nem um mês após a sua saída da Prefeitura de Polícia da, então, cidade de Destêrro.

A 15 de novembro de 1894, a par do 5.º aniversário da República, dá-se a passagem da Presidência da República para o Dr. Prudente José de Moraes Barros.

Moreira César, no comando do Distrito, torna público:

"... Olhando para o seu passado, pode o Exército dizer: tenho em todos os tempos sabido honrar a confiança que em mim depositou a Nação; conquistei um nome imaculado que preciso garantir. Essa garantia ao seu passado glorioso, que deve o Exército zelar no futuro, não depende dos seus oficiais veteranos; êsses já têm dado provas demais da sua correção de proceder; não depende igualmente das praças de pré, pois sempre souberam como os melhores soldados do mundo seguir seus chefes — e, sim, dos jovens oficiais da República que agora conquistaram os seus galões em defesa dela. É a êsses a quem dirijo um apêlo nesse dia.

Jovens oficiais da República! A Nação vos confiando uma espada exige o cumprimento exato dos vossos deveres e êsses não podem ser senão — defendê-la a todo transe, submeter-se e fazer cumprir a lei e, finalmente, respeitar e prestigiar a autoridade. Vosso fim é tão digno, elevado e nobre e é tão honrosa a vossa missão de militar, que nem de leve deveis vos desviar dela, atraídos por qualquer outro gênero de atividade humana, principalmente pela política, mais forte e reagente contra a disciplina que é o condão mágico que nos traz sempre unidos, fortes e em condições de bem servir a República."

42. Ressalte-se que, naquela época, era dado especial relevo à expressão "República" — citada três vezes na ordem do dia acima.

Nesse período instável da "consolidação", não se duvida do patriotismo dos brasileiros das facções em luta. Apesar das ligações da família imperial com as famílias coroadas da Europa, ninguém põe em dúvida o patriotismo dos monarquistas que souberam, no momento oportuno, defender o solo pátrio contra a arrogância estrangeira.

Patriotismo é sentimento que está sedimentado na alma dos brasileiros e vem dos tempos em que esta Nação ainda não tinha o seu nome impresso na fôlha de rosto de uma Constituição.

O sentimento instintivo do amor à terra, a nosso ver, a raiz mais profunda do patriotismo, vem de lutas como aquela contra os holandeses, quando os nativos — e, como tal, somavam-se índios, brancos e negros, com caribocas e mulatos — fundiram músculos e vontade, rilharam os dentes e aferraram-se ao solo, cuspiram sangue e blasfemaram, rezaram e lutaram para legar aos filhos, aos netos, aos que viriam depois, o diploma de Guararapes, título de propriedade desta nação-continente. Daí por diante, outros lutaram, aqui, ali e acolá, para manter inquestionável tal título. E conseguiram. E aí está o legado que nos cabe defender e engrandecer.

Não há portanto que estranhar, se depois do "15 de novembro" a "palavra mais constante na boca de um brasileiro seja "República", ao invés de "Pátria". Esta já residia no coração de ambas as correntes políticas; o que as separava era o regime que cada qual julgava ideal para a Pátria. Daí existirem os "restauradores" de um lado, e do outro, os "sustentáculos da República".

Tal separação continuará a existir e tomará incremento na época da campanha de Canudos e manter-se-á na virada do século, durante os primeiros anos da nova centúria.

Sòmente na década em que estruge a 1ª Grande Guerra é que a República tomará a posição de menos deusa e mais regime político. A Monarquia está longe; velhos impérios caíram, e os que sobreviveram não têm mais ilusões quanto ao continente americano. Não há mais lugar para aventuras do tipo Maximiliano do México. Acabou-se o romantismo, acabou-se a "belle époque..."

Por aqui, desaparecida a obrigatória expressão de "cidadão", os documentos conservaram, por muito tempo, uma outra expressão, resíduo dos velhos tempos da República-deusa: "Saúde e Fraternidade" com que se fechavam muitos documentos oficiais.

Mas esta saudação também resignou-se em sumir nos poeirentos arquivos.

43. Com a extinção do Distrito Militar de Florianópolis, Moreira César retorna ao comando do Batalhão, em 15 de novembro de 1894, despedindo-se dos seus ajudantes-de-ordens, em número de quatro, que se recolhem, um ao 7.º e os demais ao Rio. "São jovens ainda, mas corretos militares, diz deles Moreira César, acrescentando: "... a todos a minha eterna gratidão".

Para que se avalle o grau de importância que o novo Governo — do civil Prudente de Moraes — dá à presença de Moreira César em Florianópolis, citemos um fato.

Por haverem cessado os motivos que haviam determinado a separação do território do Estado de Santa Catarina, da jurisdição do 5.º Distrito Militar (sede em Curitiba) desde 19 de junho, o Ministro manda, a 14 de dezembro, que o referido Estado volte a pertencer àquele Distrito. Por lhe caber, subordinado aos ditames da hierarquia, o comando do Distrito, Moreira César vai a Curitiba receber das mãos do Comandante do 1.º Regimento de Cavalaria (que se retira para a sua sede no Rio), o referido comando.

Mas o Ministro determina — e aí está o importante do fato — que, provisoriamente, o 5.º Distrito Militar tenha sede em Florianópolis.

Deduz-se da ordem do Ministro que Moreira César ainda não deve ser afastado de Santa Catarina; por isso, aquela autoridade prefere transferir a sede de um Distrito Militar a ter de mandar o seu Comandante interino mudar de cidade.

Dura pouco essa comissão. Vemo-lo, em janeiro de 1895, no comando de uma Brigada constituída com os corpos existentes no Estado de Santa Catarina e o Batalhão patriótico "Frei Caneca", conforme determinação do novo Comandante do Distrito, cuja sede volta a ser em Curitiba. Moreira César, em uma ordem do dia n.º 1, declara que a 2ª Brigada é constituída pelos 7.º e 37.º BI, o "Frei Caneca" e o 10.º RC.

É efêmera a existência desta Brigada, o que prova achar-se o perigo revolucionário em pleno declínio, em Santa Catarina.

O 7.º, que está sob o comando interino do Major Pedro de Alcântara Fonseca, passa ao comando de Moreira César a 7 de fevereiro, em virtude da extinção da Brigada que este comandava.

Mais uma vez há despedida de oficiais jovens que muito o teriam ajudado no antigo comando e governança, elogiados pela dedicação ao serviço e esforços eficazes empregados na organização da Fortaleza de Araçatuba.

Por sua vez, Moreira César é elogiado ao deixar o comando da 2ª Brigada, pelo Comandante do 5.º Distrito Militar. Diz este que Moreira César, no desempenho daquele comando mostrou sempre "lealdade, zelo e critério, não poupando esforços nem sacrifícios para

bem desempenhar-se da comissão que em boa hora lhe foi confiada".
Dai louvar e agradecer:

"...a tão distinto camarada os importantíssimos serviços que prestou à causa da lei da qual foi verdadeiro sustentáculo, como oficial valente e brioso que é."

Eis a síntese da citação: valentia e brio! Negar — não é possível — a existência de tais qualidades em Moreira César, em que pesem os epítetos tremendos com que os seus inimigos ferreteliam a sua personalidade.

Chamam-no de epilético, cruel, sanguinário, ambicioso, anátemas que se referem às "tendências monstruosas" a que alude Euclides da Cunha. Os republicanos mais ardentes o enaltecem, fazem-lhe loas, proclamam-no pilar ou sustentáculo da República.

Nenhuma bôca vituperou a sua honra pessoal: esta não é contestada.

44. Se Moreira César não mais comanda, como titular, o Distrito ou uma Brigada, não deixa, entretanto, de enfeixar em suas mãos um virtual comando sobre as tropas do Exército em Santa Catarina, por ser o Comandante da Guarnição.

E é nessa qualidade que, no transcorrer do ano de 1895, êle se afasta de Florianópolis, indo para o interior, por ordem do Comandante do Distrito e passando o comando do Batalhão a Caldwell, a 15 de junho.

São três meses de ausência (reassumirá a 25 de setembro, vindo de Lajes), mas as ordens do dia em Florianópolis são tôdas assinadas por Moreira César. Deve-se a essa estranha ubiqüidade estar por êle assinada a ordem do dia do Batalhão de 1.º de julho de 1895:

"Camaradas! É ainda sob a dolorosa impressão da irreparável perda porque acaba de passar a Pátria Brasileira, que eu venho cumprir o triste dever de comunicar-vos a lutuosa notícia esta que me foi transmitida em telegrama de hoje pelo comando do 5.º DM. A compunção que vai em tôdas as almas patrióticas e a tristeza que nos punge melhor atestam o quanto valeu para a sua Pátria e o quanto se esforçou pela sua classe o grande vulto que anteontem desapareceu de entre os vivos.

Camaradas! O General que perdemos já vinha de há muito laureado pelas vitórias das nossas armas nos campos do Paraguai. Só por êsses serviços que são valiosos êle bem merecera da Pátria. A República, porém, reclamara maiores esforços, sacrifícios ingentes para a sua consolidação. E êle tendo sempre diante de si a imagem da Pátria, enfrentou

os seus inimigos, e glorioso e invicto soube levá-los de vencida, salvando dêste modo o princípio da autoridade republicana, legando a nós fecundissimo exemplo de amor às instituições vigentes. E, assim, meus camaradas, interpretando o nosso sentimento de pesar eu vos convido a tomardes luto por 8 dias, como último preito de sincera homenagem, neste momento em que o Exército Brasileiro ajoelha-se ante o túmulo que inesperadamente se abre para guardar os despojos do imortal consolidador da República. Soldados! Por tão solene e triste acontecimento, armas em funeral!"

Esta é a despedida de Moreira César a Floriano, o Marechal de Ferro, o Consolidador da República.

45. Teria havido uma tentativa para instalar-se o "continuismo" de Floriano no poder, quando ficou caracterizada a vitória de Prudente de Moraes?

Qual seria, bem no íntimo, o sentimento de Moreira César para com Floriano? Se, no cumprimento da missão que Floriano lhe confiara houve excessos, por que o Marechal não deteve Moreira César dizendo-lhe: "Basta"?

Que recompensa Moreira César recebeu de Floriano? Teria Moreira César agasalhado um sentimento de frustração pelo fato de Floriano não o ter promovido a General, coroando uma carreira relâmpago?

Se houve especulações sobre a continuação de Floriano no poder — na qualidade de ditador — teria Moreira César ciência das confabulações, tão distante êle estava do Rio de Janeiro?

É José Maria Belo quem nos conta, na sua "História da República" que, vencida a revolta da Marinha, se teria tramado com as maiores precauções, o golpe de Estado para entregar a ditadura a Floriano. Porém, as condições de saúde dêste e a oposição encontrada por parte de alguns florianistas radicais, como o próprio Coronel Moreira César, teriam feito abortar o plano.

46. A situação no Sul está pacificada, e a 25 de agosto — supomos que com acentuada presença do povo, cansado de tanta luta e sangueira — realiza-se um "Te Deum" na matriz da cidade de Florianópolis pela extinção das hostilidades.

A partir daí, as atividades do 7.º BI decorrem em clima menos bélico, pendendo para o da rotina do tempo de paz.

Com a apresentação do Major Olegário Antônio de Sampaio, ora é êste, ora é Caldwell, o comandante interino da Unidade nos afastamentos eventuais do titular. Durante o restante de 1895, e por

algun tempo em 1896, Moreira César comandará interinamente o 5.º DM. Em cêrca de um ano, comanda o Distrito por mais de cinco meses.

Moreira César tem, por isso, mais tempo livre para dedicar-se à instrução, seja a de seu Batalhão, seja a do Exército em geral, sua preocupação permanente.

Faz poucos anos, êle integrara uma comissão juntamente com o Major João de Souza Castelo e o Tenente Napoleão Felipe Aché, comissão presidida pelo General-de-Divisão José Clarindo de Queiroz, designada para elaborar uma obra bem significativa para a Infantaria da época: as "Instruções para a Infantaria do Exército Brasileiro, tomando-se por base a instrução portugueza". Estas Instruções abordavam o ensino do recruta, o ensino da campanha e o ensino do Batalhão e da Brigada.

O tempo passa e agora torna-se necessária uma revisão da referida obra. Da missão é incumbido Moreira César. Êle a cumpre e na 3.ª edição de 1897, lê-se no volume a seguinte declaração: "Declaro haver revisto a 3.ª edição das Instruções para a Infantaria do Exército Brasileiro. Rio de Janeiro, 14 de novembro de 1896. Antônio Moreira César — Coronel."

Em outra fôlha está o seu retrato, certamente uma homenagem póstuma. Apesar da data, a edição só deve ter sido lançada em circulação em 1897, e ai...

47. Na qualidade de Comandante da Guarnição, nos últimos dias de 1896, êle estabelece uma proibição que se faz necessária para fortalecer os princípios da disciplina entre as praças da guarnição:

"Tendo chegado ao meu conhecimento que alguns inferiores desta guarnição organizaram um clube, de fins innocentes, mas de conseqüências funestas à disciplina militar, como em poucos dias bem claramente se verificou; não se compreendendo fôrça militar sem disciplina, porque é ela a base de tóda a organização, e garantia única de seus elevados intuitos — defesa da Pátria no exterior, manutenção da ordem interna e guarda da Unidade Nacional sob o sistema republicano; e, considerando que tudo foi filho da inexperiência própria dos moços e atendendo ao bom procedimento que até hoje têm tido os inferiores que assim se associaram, limito-me a mandar repreender todos verbalmente e determinar de uma vez proibida qualquer agremiação ou reunião constituída por militares praças de pré, sem ordem expressa de seu superior competente."

48. Esta é a sua última determinação como Comandante da Guarnição de Florianópolis.

Desde algum tempo o pessoal do 7.º anda em "suspense" com as notícias de uma nova mudança de guarnição. Não dizemos mudança de "parada", porque, até então, o Batalhão continua com sede no Rio, embora destacado em Santa Catarina.

Mas, agora, é uma portaria datada de 25 de julho e publicada na Ordem do Dia da Repartição de Ajudante-General de n.º 760/1896, e conhecida pelo Batalhão em 1.º de setembro, que designa o Estado de São Paulo como território da nova parada do 7.º.

Pelo Almanaque "Laemmert" — preciosa publicação anual — verifica-se, em suas edições de 1896 e 1897, que a sede do 7.º BI é Mogi-Mirim, cidade paulista. Entretanto, como veremos, o velho e muito útil recipiendário de informações históricas está, neste ponto, equivocado, induzido ao equívoco, certamente, por aquela portaria.

O Batalhão não segue para a sua nova sede. A mão do destino está sobre a destra de Moreira César quando escreve, em 30 de outubro de 1896, o seguinte registro para ser transcrito na ordem do dia:

"Torno público ao Batalhão que por ordem do cidadão Ministro da Guerra, seguiremos amanhã para a Capital Federal num transporte que vem expressamente buscar o Batalhão. É cheio de satisfação que dou ciência dessa determinação do Governo, pois ela quer dizer que mais uma vez o Governo e a República apelam confiantes neste dedicado Batalhão que tem o seu passado glorioso e tão devotado à República *que falar no 7.º é dizer garantia da República* (grifamos). O Batalhão embarcará horas depois da chegada do transporte."

No dia seguinte, 31 de outubro de 1896, Moreira César assina, pela última vez na vida, uma ordem do dia do 7.º BI. Dessa data até fevereiro de 1897, quando deixará o comando do Batalhão para comandar uma Brigada, as ordens não serão assinadas, permanecendo em branco o espaço deixado para tal fim.

Mas, nesse dia, éle está orgulhoso, vendo a diligência e a alegria com que a Unidade apresta-se para o embarque rumo à sua verdadeira "parada", o Rio de Janeiro.

Daquela mudança para São Paulo, ninguém mais cogita. Não encontramos a anulação daquela portaria; também ela nunca será cumprida.

49. Há um Alferes — um bom e bravo Alferes — que pede, insta e consegue, nesse dia afanoso, véspera do embarque, passar a adido ao batalhão — éle pertencia ao 37.º BI — por ordem do Ministro. É incluído no Batalhão e mandado servir na 4.ª Companhia.

Chama-se Vicente Poll esse Alferes, e dêle ouviremos falar mais tarde.

No dia de "Todos os Santos", o 7.º já está a bordo do transporte "Itaipu", e a 4 de novembro, no Rio. Pela terceira vez o 7.º entra pela barra da Baía da Guanabara.

A viagem, rápida, é perturbada por um fato de cujo relato abrimos espaço para ouvirmos Euclides:

"Embarca com o seu Batalhão, o 7.º, num navio mercantê; e em pleno mar, com surpresa dos próprios companheiros, prende o comandante. Assaltara-o — sem que para tal houvesse o mínimo pretexto — a suspeita de uma traição, um desvio na rota, adrede disposto para o prender e aos soldados."

Euclides, com estas palavras, quer vincular tal atitude de Moreira César a um momentâneo desequilíbrio de sua mente.

O historiador Pedro Calmon, referindo-se a Moreira César, chama-o de "herói doente", e sobre o caso do "Itaipu" relata:

"Embarca Moreira César com o 7.º de Infantaria no Itaipu para o Rio de Janeiro, e a bordo, desvairadamente, "prende o comandante e parte da guarnição — rezam os jornais de 4 de novembro de 1896 — por suspeitar que levavam noutro rumo o navio. Saltou na Capital Federal com fanfarras no cais e o povo a aclamá-lo, como ao impoluto vingador do Exército, desafiado, na cidade e nos campos, pelo "sebastianismo recalcitrante."

Tirante uma intempestiva alienação de sua mente, haveria alguma razão plausível para Moreira César praticar o ato violento, em uma viagem que se fazia plácida?

Há que se voltar ao seu tempo para melhor entendê-lo.

Em que pesasse o patriotismo dos monarquistas, tanto quanto o dos republicanos, como a que em linhas atrás nos referimos, aquêles talvez não desprezassem uma ajuda estrangeira para repor as coisas como estavam, antes de 15 de novembro de 1889. Não se poderia — naqueles tempos — duvidar que os "sebastianistas" aceitassem a ajuda de famílias coroadas de outros países, para virem auxiliar os parentes — e que não o fôsem — apeados do poder, no Brasil. A ajuda, nestas condições, seria uma consequência da solidariedade no médo.

De fato. Convenhamos que, afinal, deve ter sido irritante para as monarquias européias saberem que o único Império digno dêste

título existente "la-bas", fôra derrubado por um piparote de um decidido grupo de republicanos. Fera-lhes o orgulho, o exemplo; aguilhoava-lhes a alma, o medo.

— Hoje, Pedro II. Quem sabe, amanhã, nós? — pensariam.

Há em velha obra um registro interessante sôbre o assunto que julgamos oportuno refrescar. Encontramo-lo na edição de 1890, do livro "A Revolução Brasileira", de J. Candido Teixeira:

"O Liberal", de Madri, em data de 21 (de novembro de 1889) publica o seguinte despacho de Paris:

"Os telegramas de Berlim afirmam que o Sr. Bismarck propõe-se intervir nos acontecimentos do Brasil, pretendendo restaurar o Império.

O "Post", órgão de Bismarck, desmente em termos ambíguos a intervenção da Alemanha no Brasil. Acrescenta o periódico alemão que a intervenção sômente é provável dado o caso de que os acontecimentos realizados hajam sido obra de vários conspiradores e não um movimento nacional. Nesse caso, bem que fôsse uma conspiração coroada de êxito, mas sem corresponder ao sentimento de tóda a nação, a Alemanha, diz a "Post", auxiliaria de um modo sério e eficaz a restauração do Império."

Alliando esta política de autodefesa do regime monárquico à de preservação e ampliação das áreas de influência econômica na América Latina, os reis e os imperadores existentes na Europa da época podiam estar tentados em derrubar, embora por vias travessas, a República nascente, ainda trôpega, que esbarrava aqui e se amparava ali, na luta pelo equilíbrio indispensável à marcha que estava encetando.

É verdade que logo após o "15 de novembro", Rui Barbosa, o Ministro da Fazenda, ridiculariza os boatos de uma pretensa interferência das monarquias européas na política interna do Brasil.

Segundo nos conta o Visconde de Ouro Preto, o grande Rui mandara a Latino Coelho, em Lisboa, telegrama em que diz em certo trecho:

"D. Pedro está sendo explorado pelos antigos diplomatas imperiais. As pretensões à ingerência das monarquias européas no Brasil são simplesmente ridículas. A república brasileira terá por si a aliança ofensiva e defensiva da América inteira."

O esclarecimento de Rui não invalida a possibilidade de que as chancelarias reais venham a maquinar contra a estabilidade do nôvo regime. A simples afirmação enfática de uma aliança americana

contra essa ingerência vinda de além-mar, já é uma tácita admissão de que tal idéia — o quanto hoje possa parecer esdrúxula — tinha algum cabimento.

Assim, vivendo intensamente êsse clima de apreensões, com o fantasma do "sebastianismo" sempre presente, não teria Moreira César vislumbrado em alguma atitude do Comandante do navio algo que não veio à luz, mas que lhe despertara a suspeita de um perigo próximo, para si e para a tropa que estava sob a sua responsabilidade?

BIBLIOGRAFIA

- ORDENS DO DIA DO 7.º BATALHÃO DE INFANTARIA — 1892/1896 — Arquivo do Exército.
- ORDENS DO DIA DA REPARTIÇÃO DE AJUDANTE-GENERAL — Arquivo do Exército.
- FÊS DE OFÍCIO — Arquivo do Exército.
- DOCUMENTOS ORIGINAIS — Arquivo do Exército.
- DOCUMENTOS ORIGINAIS — Arquivo Histórico do Itamarati.
- DOCUMENTOS ORIGINAIS — Arquivo Nacional.
- A GUERRA CIVIL NO BRASIL DE 1893/1895 — Almirante Thompson.
- HISTÓRIA DO SUPERIOR TRIBUNAL MILITAR — Ministro General Raimundo Rodrigues Barboza.
- NOTAS PARA A HISTÓRIA DE SANTA CATARINA — Lucas Boiteux — Ministério da Marinha — 1940.
- JOSEPH FOUCHÉ — Stefan Zweig — Editora Guanabara — 1938.
- REVISTA "O CRUZEIRO" de 2 Set 1961.
- A INTERVENÇÃO ESTRANGEIRA DURANTE A REVOLTA — Joaquim Nabuco — Tip. Leuzinger — 1896.
- HISTÓRIA DA REPÚBLICA — José Maria Belo.
- INSTRUÇÕES PARA A INFANTARIA DO EXÉRCITO BRASILEIRO TOMANDO-SE POR BASE A INSTRUÇÃO PORTUGUESA — 3.ª edição — 1897.
- A REPÚBLICA BRASILEIRA — J. Candido Telxeira — 1890.
- ADVENTO DA DITADURA MILITAR NO BRASIL — Visconde de Ouro Preto — Imprimerie Pichon-Paris — 1891.
- OS SERTÕES — Euclides da Cunha — 13.ª Edição — 1936.
- O RIO DE JANEIRO — Moreira de Azevedo.
- JORNAIS DO RIO GRANDE DO SUL.
- ALMANAQUE LAEMMERT — 1896.
- FLORIANO — MEMÓRIAS E DOCUMENTOS — Vol. V Roberto Macedo — MEC — 1939.
- ENSAIOS — Graça Aranha — Coleção Centenário — 1969.
- A REVOLTA DA ARMADA — Epaminondas Vilaíba.
- A HISTÓRIA DA CASA DO TREM — Antonio Pimentel Winz.
- O RIO DE JANEIRO DO MEU TEMPO — Luiz Edmundo — 1938.
- UM CONSOLIDADOR DA REPÚBLICA — Antonio Pimentel Winz — 1967 — EGGCF.
- DIÁRIOS DO CONGRESSO e OFICIAL — Biblioteca Nacional.